



**FAPAC - FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS PORTO LTDA
CURSO DE MEDICINA**

MATHEUS FARIA SILVA MOURA

**NOTICIAR A MORTE: OS ACADÊMICOS DO INTERNATO DE MEDICINA ESTÃO
PREPARADOS PARA ESSA SITUAÇÃO?**

**PORTO NACIONAL-TO
2020**

MATHEUS FARIA SILVA MOURA

**NOTICIAR A MORTE: OS ACADÊMICOS DO INTERNATO DE MEDICINA ESTÃO
PREPARADOS PARA ESSA SITUAÇÃO?**

Artigo científico submetido ao Curso de Medicina da FAPAC- Faculdade Presidente Antônio Carlos ITPAC Porto Nacional, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Medicina.

Orientador: Prof^a Msc. Denise Ramos Costa



NOTICIAR A MORTE: OS ACADÊMICOS DO INTERNATO DE MEDICINA ESTÃO PREPARADOS PARA ESSA SITUAÇÃO?

NOTIFYING DEATH: ARE THE ACADEMIC MEDICAL SCHOOLS PREPARED FOR THIS SITUATION?

Matheus Faria Silva Moura¹
Denise Ramos Costa²

¹ Acadêmica do Curso de Medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

² Msc. e professora da disciplina saúde mental do estudante de medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (Orientador)

RESUMO: Introdução: A morte é um fenômeno que causa sofrimento e tristeza para os familiares da pessoa que veio a falecer. A forma que essa notícia é comunicada é um fator importante na elaboração do luto, o que exige do médico habilidades específicas para essa situação. **Objetivo:** avaliar a capacidade dos acadêmicos de Medicina do ITPAC PORTO para comunicar o óbito morte aos familiares do paciente falecido. **Métodos:** estudo observacional, transversal, quantitativo, realizado em uma faculdade de medicina em Porto Nacional, Tocantins. Essa pesquisa utilizou um questionário aplicado a 72 internos do curso de Medicina, cujas respostas evidenciaram as atitudes, posturas, modos e medos ao comunicar uma morte. **Resultados:** A maioria dos internos tiveram pouca experiência em comunicar a morte, consequentemente, isso se reflete nos sentimentos de tristeza, impotência e pena despertados ao noticiar, nos medos das reações que a família pode ter e na avaliação subjetiva da capacidade razoável de dar a notícia. Observou-se que a maioria considera mais difícil noticiar a morte de criança e que aprenderam a dar a notícia vendo outros profissionais. Contudo, esses internos, de modo geral, procuram um local privado e confortável, utilizam uma linguagem clara, compreensível e busca transmitir essa notícia a um integrante da família, mesmo não conhecendo nenhum protocolo ou instrumento para transmitir esse tipo de informação **Considerações finais:** considerando a complexidade de tal temática envolta de medos e sentimentos interditos, sugere-se a inclusão no currículo de medicina módulos que preparem o médico a noticiar más notícias como a morte.

Palavras-chave: Comunicação de más notícias. Educação médica. Morte.

ABSTRACT: **Introduction:** Death is a phenomenon that causes suffering and sadness for the relatives of the person who died. The way this news is communicated is an important factor in the elaboration of grief, which requires specific skills from the doctor for this situation. **Objective:** to evaluate the ability of ITPAC PORTO medical students to communicate death to the family of the deceased patient. **Methods:** observational, cross-sectional, quantitative study, carried out at a medical school in Porto Nacional, Tocantins. This research used a questionnaire applied to 72 medical students, whose answers showed the attitudes, postures, manners and fears when communicating a death. **Results:** Most inmates had little experience in communicating death, consequently, this is reflected in the feelings of sadness, helplessness and pity aroused when reporting, in the fears of the reactions that the family may have and in the subjective assessment of the reasonable ability to give news. It was observed that the majority found it more difficult to report the death of a child and that they learned to break the news by seeing other professionals. However, these interns, in general, seek a private and comfortable place, use clear, understandable language and seek to transmit this news to a family member, even though they do not know any protocol or instrument to transmit this type of information. **Final considerations:** considering the complexity of such a theme surrounded by fears and forbidden feelings, it is suggested the inclusion in the medical curriculum modules that prepare the doctor to report bad news such as death.

Keywords: Communication of bad news. Medical education. Death.

1 INTRODUÇÃO

A morte e o morrer são fenômenos com características extremamente variáveis para cada sociedade e, mais especificamente, para cada indivíduo. O tradicional morrer em alguns casos pode ser que não ocorra no leito em domicílio, com o enfermo assistido por familiares e pessoas amigas; é frequente acontecer em instituições médicas, tendo como companhia equipamentos e profissionais com sobrecarga de trabalho. Com frequência, a morte é uma situação solitária e cheia de sofrimento. A partir do século XX, tornou-se sinônimo de interdito, de vergonhoso, de oculto – uma inimiga a ser vencida a qualquer custo.

No ocidente, devido às mudanças de ideologias e culturas, a concepção de morte passou por frequentes variações. No final do século XIX, o advento do cientificismo mudou radicalmente a antiga concepção de morte e morrer. O intenso desenvolvimento da Medicina gerou um pensamento de possível imortalidade do ser humano, passando-se a considerar a morte como um fracasso científico.

O processo de morte atual apresenta-se com uma configuração extremamente diferente se comparada com a de outras épocas. O local da morte translocou-se para o hospital: um ambiente asséptico, muitas vezes solitário e frio, onde o luto é frequentemente reprimido pelos profissionais da saúde e com grande inabilidade dos médicos de lidar com esse fenômeno e comunicá-la aos familiares do ente falecido.

A negação da morte, externa-se em atitudes como não saber como se portar diante de tal situação revelando que houve deficiência na formação acadêmica para tais circunstâncias, recai, portanto, sobre a experiência do trabalho a responsabilidade de ensinar o médico de forma empírica e incompleta a se comportar de forma fria, distante e insegura.

Os profissionais de saúde se sentem impotentes e culpados ao lidar com a perda de um paciente, pois isto se configura como uma falha terapêutica. Os tempos modernos consagraram um conceito de homem que se baseia na autonomia do indivíduo, onde o seu corpo é sinônimo de produtividade e prosperidade, já a doença é sinônimo de incapacidade, fraqueza e vergonha.

Muitas vezes a fragilidade emocional dos profissionais de saúde poderá impedi-los de enfrentar os sentimentos despertados pela perda, daí surgem as dificuldades apresentadas em dar suporte e assistência ao paciente que é terminal e que nada se pode fazer além de amenizar seu sofrimento. Por se tratar de estudantes jovens, os residentes da atualidade pode ser que não tenham vivências práticas no enfrentamento da morte, pois possivelmente tenham tido poucos contatos com experiências de perda no ambiente de trabalho.

Esta pesquisa teve por objetivo avaliar a capacidade dos internos de Medicina em noticiar o falecimento de um paciente. Foi enumerado com que frequência esse tipo de notícia é comunicada, como ele a transmite, identificar os sentimentos e medos sentidos nessa situação e apresentar as habilidades desenvolvidas para fazer esse tipo de comunicação para averiguar se na graduação ele desenvolveu essa habilidade.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo observacional, transversal e descritivo de caráter quantitativo com os internos de Medicina da Faculdade Presidente Antônio Carlos – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos de Porto Nacional (FAPAC ITPAC PORTO) na cidade de Porto Nacional – TO.

Os pesquisadores modificaram e adaptaram o questionário utilizado por Silveira; Botelho e Valadão (2017) sobre comunicação de más notícias. Esse instrumento foi composto de duas partes: a primeira com dados sociodemográficos e a segunda parte “comunicando a notícia de morte” com 11 questões de múltipla escolha em que poderiam ser assinaladas mais de uma alternativa.

Participaram desta pesquisa 72 internos, no período de março a junho de 2020. Os critérios de inclusão foram: estar matriculado no curso de medicina na FAPAC ITPAC PORTO e cursar o internato. Já os de exclusão foram recusarem participar da pesquisa ou deixar de responder alguma pergunta do questionário. Os dados foram analisados estatisticamente usando frequências e porcentagens.

Os participantes foram informados sobre a pesquisa e seus objetivos de estudo e foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Depois do aceite, o TCLE foi assinado em duas vias ficando uma com o participante e a outra com os pesquisadores. Essa pesquisa foi aprovada no comitê de ética da FAPAC ITPAC PORTO sob registro no CAAE nº18676619.3.0000.8075.

3 RESULTADOS

Dos 79 internos abordados para esse estudo, 76 aceitaram participar e 3 negaram. Foram excluídos 4 participantes por não preencherem todo o questionário. A primeira parte do questionário foi de informações sociodemográficas. Foi encontrado idade média de 28,12 anos, com variação de 20 a 49 anos, e a distribuição por período de 11 alunos do nono período, 15 do décimo, 39 do décimo primeiro e 7 do décimo segundo período.

Com relação à comunicação da notícia de morte, os acadêmicos responderam que no tocante a frequência que a faz (ver tabela 1), 40,3%(n=29) não fizeram até aquele momento, 29,1%(n=21) faz 1 vez em 6 meses ou mais, 15,3%(n=11) faz 1 vez a cada 3 meses e 15,3%(n=11) faz 1 a 3 vezes por mês. Sobre a percepção subjetiva

de sua capacidade de dar esse tipo de notícia, 27,8%(n=20) alegaram ser boa, 50%(n=36) razoável e 22,8%(n=16) ruim.

Tabela 1 - Com que frequência dá notícia de morte?

	N	%
Todos os dias	0	0
1 a 3 vezes por semana	0	0
1 a 3 vezes por mês	11	15,3
1 vez a cada 3 meses	11	15,3
1 vez em 6 meses ou mais	21	29,2
Nenhuma	29	40,3

Quanto ao local onde eles comunicam, a grande maioria, 87,5%(n=63), respondeu que busca um local privado e aconchegante. Já a maneira como fornecem essa notícia, a maior parte, 69,7%(n=53), a transmiti com uma linguagem clara, compreensível, evitando palavras técnicas, 15,8%(n=12) estabelece relação de confiança e 10,5%(n=8) diz que se coloca no lugar do paciente. E para quem contar essa notícia? 68,5%(n=50) responderam que a faz para um integrante da família, porém, 27,4%(n=20) contam a todos da família de uma vez.

Os sentimentos que os acadêmicos afirmam apresentar ao dar a notícia de morte (ver tabela 2) foram variados, tais como: tristeza por 35,4%(n=28); impotência por 21,5%(n=17); de dever cumprido por 16,5%(n=13) e insegurança por 7,6%(n=6). Relativo aos medos ao fazer esse tipo de comunicação, a maioria, 57%(n=45), responderam ter medo das reações da família; já 24,1%(n=19) assinalaram o medo de ser culpabilizado e 19%(n=15) afirmaram medo de suas próprias reações emocionais. Quanto a qual seja a mais difícil notícia de morte a ser comunicada, 90,4%(n=66) indicaram ser a morte de criança.

Tabela 2 - Sentimentos ao dar notícia de morte

	N	%
Triste	28	35,4
Com pena	11	13,9
Sentimento de dever cumprido	13	16,5

Impotente	17	21,5
Inseguro	6	7,6
Com medo	3	3,8
Aliviado	1	1,3

Nota: Foi facultado aos participantes indicar mais de uma opção como resposta.

Na questão que investigou como os internos aprenderam a dar más notícias, demonstrado na tabela 3: 43,8%(n=32) responderam terem aprendido vendo outros profissionais; outros 28,8%(n=21) declararam que foi na graduação e 19,2%(n=14) não aprenderam a dar más notícias. Já sobre se eles conhecem algum instrumento, protocolo, técnica para fazer esse tipo de comunicação, a grande maioria: 93%(n=67), não conhecem nenhum. A maior parte dos internos, 72,2%(n=52), responderam que é muito importante a incorporação de “como dar más notícias” na graduação e 26,4%(n=19) responderam ser importante.

Tabela 3 - Como aprendeu a dar más notícias?

	N	%
Durante a graduação	21	28,8
Por método de tentativa e erro	5	6,8
Curso específico	0	0
Vendo outros profissionais	32	43,8
Outros	1	1,4
Não aprendeu	14	19,2

Nota: Foi facultado aos participantes indicar mais de uma opção como resposta.

4 DISCUSSÕES

Este estudo demonstrou que no internato a maioria dos acadêmicos de Medicina vivenciam pouco ou não tem nenhuma experiência em comunicar a notícia de morte, o que corrobora com a realidade que a comunicação de morte do paciente ao familiar é a menos comum dentre as más notícias que ele tem que fazer durante o

seu estágio (LEAL-SEABRA; COSTA, 2015). Existe a ideia de que nos anos da graduação os acadêmicos devem ser “protegidos” da experiência emocional que essa situação provoca e deve-se incentivar os procedimentos técnicos (MARTA *et al.*, 2009).

Culturalmente os médicos são ensinados a conceber a morte como aversão à vida, devendo por isso, ser evitada a qualquer maneira e que quando ocorre representa um fracasso médico. Quando não conseguem evitá-la tendem a refletir sobre a sua própria finitude causando grande angústia pessoal (MONTEIRO *et al.*, 2015). Para os residentes a morte representa tristeza, perda, o fim. Esses profissionais se encontram despreparados para lidar com esses sentimentos, consequentemente, apresentam dificuldades no momento de oferecer suporte e assistência (COSTA, GARCIA e GOLDIM, 2017).

Há a ideia implantada pela formação acadêmica de que os médicos são heróis cuja missão é, a todo custo, sobrepujar a morte e salvar o paciente, com isso há a superestima da ciência e a consequente falta de reconhecimento dos seus limites. Devido à negação da morte, há uma dificuldade na convivência com a dor da perda, o que prejudica o sentimento e a vivência desse processo chamado de luto, e assim, o médico se distancia de seus pacientes em estágio terminal por não saber como lidar com eles (DUARTE, ALMEIDA e POPIM, 2015). Nesse cenário, percebe-se que transmitir esse tipo de notícia é uma situação muito complexa e estressante quando quem tem que fazê-la é inexperiente (BAILE *et al.*, 2000).

Para fazer o difícil processo de comunicação de morte da maneira mais adequada, o médico precisa reconhecer os seus limites curativos e aprender a cuidar do paciente no processo de morrer a fim de estar mais habilitado para falar sobre a morte com os familiares (MONTEIRO *et al.*, 2015).

Ao investigar onde essa comunicação é feita, os resultados são semelhantes ao de estudos com especialistas que informam más notícias sempre. Este estudo aponta que 87,5% dos internos buscam um local privado e aconchegante, da mesma forma Hernadéz e Matienzo (2009) observaram que 75,5% e Silveira; Botelho e Valadão (2017) que 78% dos médicos a fazem igualmente para más notícias. Isso vai ao encontro do que Baile *et al.* (2000) diz sobre o local onde assuntos tão sensíveis

quanto esse são transmitidos, um ambiente privado, sem distrações, sentado ao nível do receptor e mantendo contato visual.

Quanto à forma de comunicação, o presente estudo apontou que a maioria dos internos utilizam uma linguagem clara, compreensível e evitando palavras técnicas. Resultado que corrobora com os estudos Hernadéz e Matienzo (2009) e Silveira; Botelho e Valadão (2017). No entanto, diferiu muito quanto a estabelecer uma relação de confiança e de empatia. Isso revela a inexperiência e a dificuldade de lidar com a morte, como Albertoni *et al.* (2013) encontrou nos acadêmicos de Medicina.

Guyen *et al.* (2018) em seu estudo com familiares de pacientes que morreram na emergência, encontrou resultados diferentes ao desse estudo quanto a quem transmitir essa notícia. No presente estudo foi informado para somente um membro da família em 68,5% das vezes, enquanto que naquele foi 44,6%; e o comunicar a todos os familiares de uma vez foi semelhante em ambos os estudos. Uma das possíveis razões para a diferença é que o internato acontece em todas principais áreas da medicina, enquanto que a pesquisa de Guven *et al.* (2018) foi feita no setor da emergência.

O ambiente, a maneira e a quem comunicar a morte de um paciente são características da relação médico-família que são influenciadas pelos sentimentos que o profissional tem quanto à morte de um paciente. Neste estudo, os internos apontaram que sentem tristeza, pena, impotência e sentimento de dever cumprido.

Em pesquisa apresentada por Duarte, Almeida e Popim (2015), mostraram que para acadêmicos do 6º ano do curso de Medicina a morte representa o fracasso, gerando a sensação de impotência. Semelhantemente para Costa, Garcia e Goldim (2017), os residentes veem a morte como fracasso terapêutico, o que gera nos profissionais que lidam com a perda sentimento de frustração e impotência. Da mesma forma Sartori e Battistel (2017) em seu trabalho evidenciaram que a maioria dos acadêmicos alegaram não haver suporte dos docentes nas questões angustiantes que a morte pode despertar. Para Navais *et al.* (2017) o processo de luto em unidades de terapia intensiva na pediatria ainda não é reconhecido e não há ou existe pouca abertura para expressão pública dos sentimentos despertados pela perda. Percebe-se que o quão difícil e complexo é lidar com essa situação.

Quanto aos medos em ter que comunicar esse tipo de notícia, os estudantes apresentarem, em sua maioria, medo das reações dos familiares. Pesquisa apresentada por Leal-Seabra e Costa (2015) em comunicação de más notícias com internos, encontrou que a maior dificuldade desse processo foi lidar com as emoções e reações de quem as estava recebendo. Eles também apontaram que as inseguranças pessoais e a apreensão quanto às emoções que podem evocar em si próprio e à pessoa que é transmitida a má notícia são fatores que podem influenciar a capacidade de comunicação.

Ao serem perguntados sobre como aprenderam a dar más notícias, apenas 28,8% dos acadêmicos responderam que aprenderam na graduação. Esse achado é semelhante ao que Dias *et al.* (2018) em seu estudo com residentes, onde 70% responderam nunca ter tido aulas sobre dar más notícias enquanto acadêmico. Perosa e Ranzani (2008) também apontam que a maioria dos médicos não receberam ensinamentos pertinentes a comunicar más notícias na graduação. Gonçalves *et al.* (2015) apontam em seu trabalho com pediatras e residentes em pediatria que 70% desses profissionais também não haviam entrado em contato com o tema de comunicação de más notícias na graduação.

Já Lech; Destefani e Bonamigo (2013) estudaram médicos em sua maioria (60%), formada há mais de 10 anos e faz com elevada frequência esse tipo de comunicação, os dados revelaram que o aprendizado destes enquanto discentes de medicina sobre revelar más notícia foi considerado “ruim” ou “muito ruim”.

Segundo Sartori e Batistel (2017), é na prática que esses acadêmicos aprendem a agir quanto ao morrer do paciente, como estratégias observam outros profissionais, como quase metade da presente pesquisa encontrou, alguns fazem leituras sobre o tema e outros agem por experiência própria ao enfrentar situações como essa. Conforme Malta, Rodrigues e Priolli (2018), os internos de Medicina que não tiveram contato na teoria a questões de vida e morte e elaborar reflexões sobre isso, desenvolvem a um preço de maior de ansiedade as os próprios mecanismos cognitivos e afetivos para enfrentar as exposições diárias à morte.

Assim como Silveira; Botelho e Valadão (2017) a grande maioria dos entrevistados consideram muito importante a incorporação de “como dar más notícias” na graduação. Isso revela a necessidade de treinamento tanto teórico quanto prático

para quando tiverem que comunicar esse tipo de notícia tenha a habilidade para lidar com as próprias reações/emoções em relação à morte do paciente e poder comunicar de forma humana, ética, empática e eficaz para a família cujo ente querido morreu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens internos demonstraram falta de experiência associada à falta de ensino na graduação sobre a comunicação de más notícias, que se expressam na sensação de capacidade “razoável” ou “ruim”, medo da reação dos familiares ao receber a notícia de morte de seu ente querido e em sentimentos emergidos de tristeza, impotência e pena ao fazer essa comunicação.

Esta pesquisa não teve como pretensão esgotar os resultados referentes à temática, porém percebe-se a necessidade de expandir o número de pesquisadores que ampliem a oferta de estudos científicos sobre essa temática ainda considerada tabu, porém tão emergente e que fará parte da vivência do profissional de Medicina.

Com base na experiência dos pesquisadores deste estudo e considerando a complexidade de tal temática envolta de medos e sentimentos interditos, sugere-se a inclusão no currículo de Medicina módulos que visem preparar o profissional, futuro médico para noticiar más notícias como a morte.

REFERÊNCIAS

ALBERTONI, Lucas Infanzozzi; SANTOS JR, Randolph dos; CURY, Patrícia Maluf; PEREIRA, Patrícia da Silva Fucuta; MIYAZAKI, Maria Cristina. Análise qualitativa do impacto da morte sobre os estudantes de medicina da faculdade de medicina de São José do Rio Preto. **Arq. Ciência Saúde**, v. 20, n. 02, 2013, pp. 49-52.

BAILE, Walter; BEALE, Estela; BUCKMAN, Robert; GLOBER, Gary; KUDELKA, Andrzej; LENZI, Renato. SPIKES – Um protocolo em seis etapas para transmitir más notícias: aplicação ao paciente com câncer. **Rev. The Oncologist**, v. 5, 2000, pp. 302-311.

COSTA, Daniel Tietbohl; GARCIA, Lucas França; GOLDIM, José Roberto. Morrer e morte na perspectiva de residentes multiprofissionais em hospital universitário. **Rev. Bioética**, v. 25, n. 3, 2017, pp. 544-53.

DIAS, Laiane Moraes; CARVALHO, Ana Emilia Vita; FURNALETO, Ismari Perini; OLIVEIRA, Camila Guimarães Silva de. Medical Residents Perceptions of Communication Skills a Workshop on Breaking Bad News. **Rev. Bras. de Educ. Méd.**, vol. 42, n. 4, 2018, pp. 175-185.

DUARTE, Anaísa Caparroz; ALMEIDA, Débora Vieira; POPIM, Regina Célia. A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina. **Rev. Interface**, v. 19, n. 55, 2015, pp. 1207-19.

FERREIRA DA SILVEIRA, Francisco José; BOTELHO, Camila Carvalho; VALADÃO, Carolina Cirino. Breaking bad news: doctors' skills in communicating with patients. **Sao Paulo Medical Journal**, v. 135, n. 4, 2017, pp. 323-331.

GONÇALVES, Samanta Pelichek; FORTE, Isabela Guimarães; SETINO, Juliana Aquino; CURY, Patrícia Maluf; SALOMÃO JR, João Batista, MYAZAKI, Maria Cristina O. S. Comunicação de más notícias em pediatria: a perspectiva do profissional. **Arq. Ciência Saúde**, v. 22, n. 3, 2015, pp. 74-78.

GUVEN, Ramazan; KAYKISIZ, Eylem Kuday; ONTURK, Hatice; SASMAZ, Muhammed Ikbal; ARI, Assim; EYUPOGLU, Gokhan; PARLAK, Ayse Gurol. Breaking Bad News in the emergency department: how do patients want it? **Eurasian J. Emerg. Med.**, vol. 17, n. 3, 2018, pp. 97-102.

HERNANDÉZ, Ivonne Martín; MATIENZO, Clemente Trujillo. Comunicación de malas noticias a pacientes con enfermedades neurodegenerativas: habilidades del personal médico. **Rev. Latinoamericana de Bioética**, vol. 9, n. 2, ed. 17, 2009, pp. 76-85.

LEAL-SEABRA, Fátima; COSTA, Manuel J. Comunicação de más notícias pelos médicos no primeiro anos de internato: um estudo exploratório. **Fundacion Educacion Medica**, vol. 18, n. 6, 2015, pp. 387-395.

LECH, Simone Solange; DESTEFANI, Amanda dos Santos; BONAMIGO, Elcio Luiz. Percepção dos médicos sobre comunicação de más notícias ao paciente. **Unoesc&ciência-ACBS**, vol. 4, n. 1, 2013, pp. 69-78.

MALTA, Regina; RODRIGUES, Bruna; PRIOLLI, Denise Gonçalves. Paradigma na formação médica: atitudes e conhecimentos de acadêmicos sobre morte e cuidados paliativos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, vol. 42, n. 2, 2018, pp. 34-44.

MARTA, Gustavo Nader; MARTA, Sara Nader; FILHO, Ayrton de Andrea; JOB, José Roberto Pretel Pereira. O estudante de medicina e o médico recém-formado frente a morte e o morrer. **Rev. Bras. de Educação Médica**, vol. 33, n. 3, 2009, pp. 416-427.

MONTEIRO, Daniela Trevisan; REIS, Cristine Gabrielle da Costa dos; QUINTANA, Alberto Manuel; MENDES, Jussara Maria Rosa. Morte: o difícil desfecho a ser comunicado pelos médicos. **Rev. Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 2, 2015, pp. 547-567.

MONTEIRO, Mayla Cosmo; MAGALHÃES, Andreia Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MACHADO, Rebeca Nonato. A relação médico-família diante da terminalidade em UTI. **Psicol. Argum.**, vol. 33, n. 81, 2015, pp. 314-329.

NAVAIS, Maíra Costa; VIEGAS, Mônica Pereira Campanha; RODRIGUES, Renata pereira; REZENDE; Renata Tiemi de; TEIXEIRA; Luiz Chartuni. Morte e luto: vivências de pediatras em unidades de terapia intensiva pediátrica e neonatal nas microrregiões de Barbacena e São João Del Rei. **Rev. Med. Minas Gerais**, vol. 27 (supl. 1), 2017, S60-S65.

PEROSA, Gimol Benzaquen; RANZANI; Priscila Moreci. Capacitação do médico para comunicar más notícias à criança. **Rev. Brasileira de Educação Médica**, vol. 32, n. 4, 2008, pp. 468-473.

SARTORI, Aline Viegas; BATTISTEL, Amara Lúcia Holanda Tavares. A abordagem da morte na formação de profissionais e acadêmicos de enfermagem, medicina e terapia ocupacional. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, vol. 25, n. 3, 2017, pp. 497-508.